

## DE DÊITICO DISCURSIVO À MARCADOR DO DISCURSO: REVELANDO A MULTIFUNCIONALIDADE DO “ASSIM”

Profa. Dra. Iara F. de Melo Martins (UEPB)

[iaramartins@yahoo.com](mailto:iaramartins@yahoo.com)

Prof. Dr. Camilo Rosa Silva (UEPB)

[camilorosa@gmail.com](mailto:camilorosa@gmail.com)

### Introdução

O objeto de estudos linguísticos tem sido, nas últimas décadas, re-inserido no que podemos chamar de dimensão contextual. Guiando-nos, neste trabalho, por uma estreita ligação entre restrições funcionais e cognitivo-interacionais, indissociáveis do contexto de uso, mostramos um estudo do funcionamento do item linguístico *assim* sob os aspectos sintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos.

Embora muito já se tenha dito sobre o elemento linguístico **assim**, o fato é que pouco ainda se disse sobre a sua multifuncionalidade acionada pela dêixis discursiva. Acreditamos que os usos inovadores surgem na língua por necessidades comunicativas não preenchidas. É o que parece ocorrer com o item **assim**, pois, para dar conta de conteúdos cognitivos, cuja denominação linguística adequada parece não existir, os falantes se valem da forma já disponível, ampliando seus significados. Segundo Votre e Rocha (1996), os usuários fazem uso de construções já estáveis na gramática para poder expor suas idéias e sentimentos.

A hipótese fundamental desta proposta é que a multifuncionalidade e a possibilidade de categorização do item **assim** são motivadas pela dêixis discursiva<sup>1</sup>, que fornece indícios do “espaço” onde o destinatário poderá localizar esse elemento: ora na situação física real da comunicação, ora no próprio contexto e ora no conhecimento comum partilhado pelos interlocutores.

O *corpus* no qual mapeamos as diversas possibilidades de uso do item linguístico **assim** é constituído por sessenta entrevistas sociolinguísticas, integrantes do Projeto de Variação Linguística no Estado da Paraíba - VALPB (HORA e PEDROSA, 2001). As ocorrências discursivas extraídas dessa amostra, como atividade de co-produção numa situação concreta de uso, construíram-se através de planejamento localmente dimensionado e situado, o que contribuiu para imprimir um caráter de relativa espontaneidade e imprevisibilidade quanto aos rumos que cada participante deu às suas intervenções.

Com o intuito de facilitar a compreensão deste trabalho, optamos por estruturá-lo em três partes, organizadas da seguinte maneira: na primeira, remetemos aos aparatos teóricos que dão sustentação ao estudo, isto é, a abordagem se finca sobre aportes do funcionalismo linguístico, principalmente, os postulados desenvolvidos por Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), Hopper e Traugott (1993) Givón (1990, 1991, 1993 e 1995); na segunda, é traçado o caminho de análise e interpretação do item **assim**, a

---

<sup>1</sup> A dêixis discursiva é estabelecida quando ocorre a mudança do campo dêitico canônico dos elementos gramaticais e/ou lexicais (pronomes circunstanciais e demonstrativos) para o ambiente textual. Isso quer dizer que esses elementos gramaticais e/ou lexicais remetem não ao espaço do emissor na instância do discurso real, mas, na verdade, localizam porções do discurso em andamento (as próprias formas de texto) à medida que fazem referência à disposição das unidades gráficas do texto. Isso faz com que os dêiticos discursivos se tornem um caso especial dos dêiticos, uma vez que seu quadro de funcionamento é o contexto do próprio discurso.

partir do flagrante dos usos; e nos comentários conclusivos, apresentamos um panorama geral dos resultados alcançados.

## 1. Ancoragem teórica: o linguístico e seus entornos

Podemos iniciar estas reflexões com a indicação de que o funcionalismo precisa ser compreendido em suas diversas perspectivas. Entretanto, como concepção geral, é, segundo Neves (1997, p. 13), “uma teoria que se liga aos fins a que servem as unidades linguísticas”, dito de outro modo, o funcionalismo se ocupa das funções dos meios linguísticos de expressão.

A língua, nesta perspectiva, é constituída de um código não inteiramente arbitrário, dito de outro modo, a estrutura gramatical é motivada. Ademais, o funcionalismo linguístico tem como princípio basilar a interdependência entre gramática e discurso<sup>2</sup>. A gramática serviria, então, para organizar os elementos lexicais no discurso. Entre os estudos que assim se posicionam, destacam-se os de Givón (1979), para quem as propriedades sintáticas nascem das propriedades do discurso ou do uso e são motivadas por fatores pragmático-discursivos. Isto equivale a dizer que a pragmática é incorporada à gramática, à medida que determinações discursivas sejam admitidas na sintaxe.

A gramática funcional constitui uma teoria de organização da gramática das línguas naturais, buscando integrar-se numa teoria de interação social. Apresenta como pressuposto fundamental a existência de uma relação não arbitrária entre o aspecto funcional e o gramatical da língua. A gramática funcional ocupa, então, uma posição intermediária em relação às abordagens que se preocupam exclusivamente com a sistematicidade de seu uso.

Decorre daí o princípio de que a gramática de uma língua natural é dinâmica e maleável, adaptando-se às pressões internas e externas que continuamente interagem e se confrontam. Nessa perspectiva, a gramática está num contínuo fazer-se, mas nunca se estabiliza. É nesse contexto de maleabilidade da gramática que se insere a noção de “gramática emergente” (HOPPER, 1987). Para esse autor, a gramática não é estável nem fechada. Pelo contrário, ela assume um permanente fazer-se, passível à mudança e substancialmente afetada pelo uso que lhe é dado no dia-a-dia.

Sob essa perspectiva, as regras da gramática são entendidas como não-arbitrárias, motivadas ou icônicas, ou seja, a estabilidade/regularidade da gramática é apenas provisória, pois sempre está sujeita à renovação e ao abandono, gerando continuamente fórmulas inovadoras. O termo “emergente” para gramática é empregado por Hopper (Ibidem) assegurando que tanto ela quanto o discurso devem ser vistos como um fenômeno social, em tempo-real. Assim, a estrutura da gramática é sempre provisória, sujeita a todo tipo de adaptação, num processo nunca totalmente completado, portanto “emergente”.

Um estudo à luz da perspectiva da gramática emergente, conforme Bybee e Hopper (2001), deve considerar duas questões: a) “que o analista examine o item em que está interessado apenas quando usado por falantes reais em contextos reais”; e b) “há a necessidade de que o item seja atestado por um bom número de ocorrências para que se confirme que realmente faz parte do repertório das estratégias discursivas dos

---

<sup>2</sup> O termo gramática representa o conjunto de regularidades decorrentes de pressões cognitivas e, sobretudo, de pressões de uso; o conceito de discurso concerne ao uso potencial da língua, ou seja, às estratégias criativas utilizadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte e em uma determinada situação comunicativa (Cf. Martelotta, Votre e Cezário, 1996, p. 48).

usuários da língua”. É como diz Du Bois (1993): as gramáticas codificam melhor aquilo que os falantes usam mais.

Enfim, ancorados na perspectiva da emergência da gramática no discurso com a regularização gradativa de padrões linguísticos à força do uso e na maleabilidade da correlação entre função/forma, é que será analisado, neste trabalho, o item **assim**.

### **Dêiticos discursivos**

A palavra “dêixis”<sup>3</sup> passou ao latim com o valor “mostrar, indicar, assinalar”, e este significado etimológico foi parcialmente preservado, mesmo com a especialização linguística do termo. A maioria dos linguistas e filósofos da linguagem, de fato, considera os dêiticos como os elementos da língua que, diferentemente dos outros signos linguísticos, remetem à situação enunciativa construída em torno do emissor.

A classificação tradicional<sup>4</sup> dos dêiticos se funda nos próprios sujeitos do ato comunicativo e na localização espacial e temporal da enunciação. Diz-se, então, que tais elementos linguísticos fazem referência à situação em que o enunciado é produzido, ou seja, às coordenadas de pessoa, lugar e tempo, que definem, respectivamente, de acordo com Levinson (1983), as dêixis pessoal, espacial e temporal. Fillmore (1971, p. 39) acrescentou, a esses três tipos clássicos, as dêixis social e discursiva. A **dêixis discursiva** faz codificação de referência dentro de um enunciado para partes do discurso em andamento em que esse enunciado está localizado.

Para Cavalcante (2000), todavia, uma forma linguística tem uso dêitico quando o ponto de referência do falante no momento do ato de fala tem que necessariamente ser considerado, não importa se dentro do campo dêitico da situação comunicativa real, ou se no contexto. A autora argumenta, então, que todo dêitico discursivo só pode merecer tal designação se carregar consigo algum traço que estabeleça vínculo com as coordenadas dêiticas da enunciação. Do contrário, poderia perfeitamente ser enquadrado entre os anafóricos, porque lhe restaria apenas a função da referencialidade, peculiar a qualquer fenômeno de anáfora.

No entendimento da autora (2000, p. 53), quando elementos “gramaticais e lexicais, dentre eles os pronomes circunstanciais e demonstrativos, mudam do campo dêitico canônico para o ambiente textual, tem-se a chamada dêixis discursiva”. Deste modo, é preciso ressaltar que o espaço que referencia tal espécie de dêiticos discursivos não é o lugar físico real onde se encontra o falante durante o ato comunicativo, e sim, um local (embora também físico) dentro da arrumação do texto.

Outro aspecto observado na descrição da maioria dos dêiticos discursivos é a **relatividade** no processo de retomada: a informação referida não costuma estar pontualizada, mas diluída no discurso precedente ou conseqüente. Benveniste (1988) advoga que só os dêiticos são capazes de criar o vínculo entre o enunciado e a situação enunciativa estabelecida pelas pessoas do discurso. E isso os particulariza como indicadores de subjetividade. De fato, a dêixis discursiva é frequentemente confundida com a noção de anáfora quando envolve aspectos da referencialidade. Logo, devemos precisar, neste ponto da revisão/reflexão, o conceito de referência aqui utilizado.

---

<sup>3</sup> Cf. em Ferreira (1999, p. 617) o verbete “**dêixis:** (cs)[Do gr. dêixis, eos.] S. f. Ling. 1. Propriedade que tem alguns elementos linguísticos, tais como pronomes pessoais e demonstrativos, de fazer referência ao contexto situacional ou ao próprio discurso, em vez de serem interpretados semanticamente por si sós”.

<sup>4</sup> O modelo clássico incluía apenas pronomes, expressões temporais (entre elas os tempos verbais) e locais, relacionados, respectivamente, a pontos de referência pessoais, temporais e locais. Nas últimas décadas, foi-se alargando o inventário dos signos considerados dêiticos e postuladas novas categorias de relação dêitica como as chamadas **social dêixis** e **discourse dêixis**.

O termo *referir* veio do latim *referre*, que, por sua vez, se originou do grego *anapherein*, com o significado de “trazer para trás”, “lembrar” ou “repetir”. Com base nesse valor etimológico, sustentou-se a idéia de que a anáfora acontece quando um pronome se refere a seu antecedente.

A linguística moderna, todavia, tem adotado tradicionalmente outra concepção: a de que um elemento anafórico (entenda-se: fórico) se refere àquilo a que seu antecedente se refere. Levinson (1983) também declara que um uso anafórico se dá quando algum elemento escolhe como referente a mesma entidade selecionada por outro termo anterior no discurso. Este conceito, porém, além de presumir que “a linguagem se refere diretamente ao mundo, enclausura a anáfora nos lindes estreitos da correferencialidade” CAVALCANTE (2000, p. 66).

É necessária, então, uma mudança de perspectiva do conceito de referência fincado no ponto de vista clássico, filosoficamente realista. Este trabalho assume, com Apothéloz; Reichler-Béguelin (1995), Mondada e Dubois (1995), e ainda outros, uma noção representacional e construtivista da referência. A referenciação se define como um processo linguístico de representação do mundo diretamente relacionado às práticas simbólicas humanas, as quais, conforme Mondada e Dubois (1995, p.20), não são atribuídas a um sujeito cognitivo abstrato, racional ou ideal, isolado perante os elementos da realidade, mas a “uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo”.

Por esta visão, os referentes não remetem diretamente aos segmentos da realidade e não são, portanto, objetos do mundo, mas ‘construtos culturais’. O que identifica o referente é, agora, a bagagem de conhecimento sobre o assunto de que dispõem os interlocutores a cada momento da interação, são, pois, objetos construídos no discurso. Assim sendo, pode-se dizer que os referentes são fabricados pela prática social (cf. BLIKSTEIN, 1983 e KOCH, 2002).

Marcuschi e Koch (2006, p.382), também atentos às restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua, postulam uma reelaboração para a referenciação:

- a) a referência diz respeito sobretudo às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve;
- b) o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção. Isto é, todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada, alimentada pelo próprio discurso [...];
- c) eventuais modificações, quer físicas, quer de qualquer outro tipo, sofridas mundanamente ou mesmo predicativamente por um referente, não acarretam necessariamente no discurso uma recategorização lexical, sendo o inverso também verdadeiro.

Nesse sentido, dois critérios são atribuídos à caracterização dos dêiticos discursivos: a **referência a porções difusas do discurso** e a **consideração do posicionamento do falante na situação enunciativa**.

### **Marcadores Discursivos**

Reconhecendo que os marcadores discursivos exercem funções importantes na interação, alguns linguistas têm dedicado atenção especial a tais elementos, a fim de descrever como operam durante a comunicação.

O rol dos itens que pertencem a esta nova “classe de palavras” ainda está em aberto, uma vez que **variadas denominações** são encontradas na literatura para se reportarem a eles. Autores que trabalham sob a ótica da Análise da Conversação como

Marcuschi (1986), Urbano (1997) e Silva e Macedo (1996) atribuem aos elementos linguísticos o rótulo de *Marcadores Conversacionais* (MCs), por entenderem que esses itens atuam tanto no nível das relações estabelecidas no texto, como das relações entre o falante e o seu texto e, até mesmo, entre o falante e o seu ouvinte. Risso, Silva e Urbano (1996), Martelotta, Votre e Cezário (1996) e Castilho (1989) adotaram o termo *Marcadores Discursivos* (MDs)<sup>5</sup>.

A hipótese central de Marcuschi (1986) é a de que os marcadores conversacionais têm sua razão de ser em funções genericamente designadas funções interacionais. De fato, Marcuschi (1986, p. 282) caracteriza duas grandes propriedades atuando simultaneamente: *i) interacionais* – indicando atos ilocutórios e relações interpessoais; e *ii) intratextuais* – organizando a cadeia linguística<sup>6</sup>.

Urbano (1997), investigando aspectos formais, semânticos e sintáticos dos marcadores discursivos, observa que esses elementos, na realidade, ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, funcionando como articuladores, não só das unidades cognitivo-informativas do texto, como também dos seus interlocutores, à medida que marcam e explicitam os aspectos interacionais e pragmáticos de sua produção.

Para Silva e Macedo (1996, pp. 12-14), os marcadores discursivos estão envolvidos em macro-funções discursivas, organizando o discurso internamente. Essas autoras postulam que as macro-funções são consideradas a partir do sentido, da posição e da função no discurso.

Martelotta, Votre e Cezário (1996) separam os fenômenos estritamente textuais dos que são prototipicamente pragmáticos. Consideram que os marcadores discursivos apresentam como macro-função a reorganização da linearidade discursiva das informações trocadas pelos falantes. Tais itens linguísticos fazem com que informações a respeito do processamento cognitivo do falante sejam explicitadas, marcando na fala essas reformulações e, conseqüentemente, dando tempo ao falante para que organize melhor suas idéias.

Os marcadores discursivos, desta forma, marcam para o ouvinte reformulações/hesitações e ajudam o falante a ganhar tempo para reorganizar suas idéias. Na verdade, eles contribuem produzindo especiais efeitos na linguagem no momento da interação, modalizando o discurso e são específicos para cada situação, podendo ser verbais, não-verbais e supra-segmentais.

Conforme Castilho (1989, pp. 273-4), os marcadores discursivos exercem função textual, isto é, todos eles organizam o texto. Entretanto, essa função geral comporta duas funções mais específicas com base em Halliday (1970): a interpessoal, que corresponde aos marcadores interpessoais que “servem para administrar os turnos conversacionais” e a função ideacional, que corresponde os marcadores ideacionais que “são acionados pelos falantes para a negociação do tema e seu desenvolvimento”.

---

<sup>5</sup> A literatura da área tem mostrado estudos sobre MDs realizados com diferentes amostras representativas do Português Brasileiro, como dos projetos NURC, CENSO/RJ, D&G, VALPB (Cf. CASTILHO, 1989; MARCUSCHI, 1986; RISSO, SILVA e URBANO, 1996; URBANO, 1999; RISSO, 1999; SILVA e MACEDO, 1996; MARTELOTTA, VOTRE e CEZARIO, 1996; MARTELOTTA, 2004 e trabalhos de MARTINS, 2004a, 2004b e 2006; CRISTHIANO e HORA, 2004, entre outros). Na região sul do Brasil, pesquisas sobre o funcionamento de MDs de bases verbais têm sido realizadas com *corpus* do projeto VARSUL (Cf. FREITAG, 2001; VALLE, 2001; DAL MAGO, 2001; DAL MAGO e GORSKI, 2002; ROST, 2002; GORSKI *et al.*, 2003; GORSKI, ROST e DAL MAGO, 2004, entre outros).

<sup>6</sup> As duas propriedades citadas são evidenciadas na denominação “organização textual-interativa” que identifica uma das partes da Gramática do Português Falado, na maioria dos seus oito volumes.

## 2. Explicitando um viés de análise

Fazem parte da análise referente à fala de João Pessoa todos os contextos onde aparece o item linguístico **assim** (sozinho ou conjugado). Rastreamos as ocorrências desse elemento nas 60 entrevistas, **totalizamos 3.249 dados** com a seguinte distribuição: **assim** foi flagrado revelando maior frequência de uso na função **dêitico discursivo-52,7%** (função gramatical). Esse item foi acionado, também, em um número menor de vezes, com **47,3 %**, na função **marcador discursivo** (função pragmática).

De acordo com as diferentes motivações dos elementos dêiticos, classificamos os seguintes subtipos de dêiticos discursivos: dêitico discursivo “**dêitico**” **pleno**, motivado pelo espaço físico real da comunicação; dêitico discursivo **do contexto**, incitado pelo próprio contexto e o dêitico discursivo **da memória** motivado pelo conhecimento compartilhado. Entretanto, nos limitaremos a apresentar aqui a **função dêitica do contexto**, pois a mesma revelou-se a mais produtiva no *corpus*-37,6%, desmembrada em três subfunções: (**assim** resumitivo, **assim** resumitivo bidirecional e ‘**assim** mesmo/mesmo **assim**’ inclusivo).

**O dêitico discursivo “assim” resumitivo**, motivado pelo contexto, como o próprio nome induz, opera como resumidor de proposição, focalizando a atenção do ouvinte para uma perspectiva comum. Em outras palavras, orienta o foco para a conclusão/resumo de uma informação já proferida anteriormente pelo informante:

(01) I: No domingo num tem muita coisa pra ver, não. Tem Sílvia Santo. De Sílvia Santo eu gosto, mas eu num gosto da parte que entra aquele Gugu, não. Aquele homem. E agora os programa dele é tudo com as mulher pelada. É uns negócio feio! Na minha época, ninguém era assim, não. (M.L.S., p. 98, v.I)

(02) I: Eu gosto de Deus. Nunca [fe], ele nunca me fez mal pra eu num gostar dele.” Ela diz: <porque> ....Bora!” Eu digo: “eu num vou não”. Ela diz: “então, vá pra lá. Num vem aqui mais não, visse?” Quando é no outro dia eu tou lá (risos). Ela diz: “<Pia, mais a bicha é safada!”. Eu digo: É. Tem que ser assim. (M.H.S., p. 118, v.II)

no trecho (01), o **assim** conclui a idéia da falante de não admitir ser “correto” o comportamento de certas mulheres no programa do Gugu; em (02), o dêitico discursivo **assim** encerra o assunto da informante que afirma que é “safada” (“tem que ser **assim**”) porque a amiga não quer mais a sua visita e ela, não se importando com o pedido, vai sempre visitá-la.

Com relação ao caráter icônico dos **assim**, nessas manifestações, entendemos que pelo fato desse elemento ocorrer na posição final do conteúdo desenvolvido pelo informante, ele fornece ao interlocutor uma pista de que esse assunto foi concluído e obedeceu a seguinte ordem: a causa precedendo o efeito, corroborando o sequenciamento icônico. Os interlocutores, de fato, não apresentam dificuldades em interpretar essa pista. Ao contrário, demonstram, cognitivamente e linguisticamente, estar familiarizados com esse tipo de construção.

Urge ressaltar, por outro lado, que esses **assim** podem ser substituídos por “desse modo”, “dessa maneira”. O item, na verdade, está se gramaticalizando, mas permanecendo com algo de seu sentido enquanto advérbio de modo, corroborando o princípio da persistência postulado por Hopper (1991), mencionado anteriormente.

### **Dêitico discursivo “assim” resumitivo bidirecional**

O **assim** funcionando como **resumitivo bidirecional**, constitui o tipo mais frequente na nossa amostra com **17.63%**. Esse uso mostra-se produtivo tendo em vista

sua dupla função: além de agir como resumidor de informação, apresenta ainda, a função de sinalizar que o falante está avançando para um novo estágio em sua explicação, revelando total adesão ao conteúdo por ele desenvolvido, vejamos as seguintes situações:

(03)[...] O mais danado é Luisinho, que ele vive por cima dos muro da casa dos outro, procurando o que num é dele, sabe? Menino né **assim**. Tem mania de procurar mexer nas coisa que num é dele. Mas a gente se aperreia muito com ele [...]. (M.L.S., p. 95,v.I)

(04) I: Ela num é casada no papel não, né? Que nem o povo diz. Ela foi morar com o namorado dela, né? Que agora é o marido dela, né? O povo diz que casado só é no papel, **assim** é ajuntado, num é? Mas pra mim a pessoa morou junto com outro tá casado. (M.L.S., p.95,v. I)

No exemplo (03), a informante sintetiza e progride o texto, expondo sobre as “qualidades” do seu filho Luisinho, tentando conquistar a opinião do interlocutor naquilo que ela acha verdadeiro: o fato de os meninos, de uma maneira geral, se apropriarem daquilo que não lhes pertencem: “mania de procurar mexer nas coisa que num é dele”; no trecho (04), a falante resume a informação difusa na proposição anterior e acrescenta sua opinião à respeito do que disse “**assim** é ajuntado, num é? [...] morou junto com outro tá casado” e;

Os “**assim**” atuando como **dêiticos discursivos resumitivos bidirecionais**<sup>7</sup> recuperam, então, não só a idéia difundida no segmento discursivo precedente, bem como antecipam uma explanação mais detalhada da tese em exposição. Esse tipo de remissão “bidirecional” tem caráter não apenas resumidor, mas de progressão do conteúdo, promovendo a articulação temática.

Notamos, assim, nesses contextos discursivos, que existe uma estratégia empregada pelos falantes para estabelecer uma relação entre o ouvinte e o texto no sentido de concentrar o foco em um ponto particular desse texto. O significado do **dêitico discursivo assim** reveste-se de um forte componente de subjetividade. Isso quer dizer que, tendo em conta certos elementos cognitivos compartilhados pelos intervenientes no ato da comunicação, o uso desse item, pelos informantes, pode demonstrar que eles avaliam como pertinente à inserção do **assim** como sumarizador do discurso precedente e um fabuloso recurso de veiculação de conteúdos avaliativos e esperam que seus interlocutores, devido aos conhecimentos compartilhados, também acreditem nessa veracidade.

### **Dêiticos discursivos “mesmo assim/ assim mesmo” inclusivo**

Através da linguagem, o homem interage socialmente e externa suas (pré) intenções, experiências e desejos. Nessa perspectiva, quando o falante faz uso do **dêitico discursivo “mesmo assim”** o faz revestido com a intenção de expressar ênfase: “Mesmo **assim**” guia a atenção do interlocutor, numa espécie de busca retroativa da idéia referida difusamente, criando uma expectativa comum para a continuidade da sequência informativa. Vejamos:

(09) E: Como é o relacionamento com os vizinhos?

---

<sup>7</sup> Não percebemos concretamente que o dêitico discursivo **assim**, por si mesmo, contenha qualquer teor informativo que relacione os movimentos de anáfora e catáfora as informações, à maneira do que ocorre, por exemplo, com os demonstrativos, mas reconhecemos nele um poder mobilizador-detonador de um movimento que realmente retroage e propulsa. Os termos **retroagir** – guiar a atenção para trás e **propulsionar** – guiar a atenção para frente, são utilizados por Tavares (2003, p.20) para definir o movimento da sequenciação anafórica-catafórica.

I: “Têm duas mulher aqui que num presta, não. [...] Uma é safada! Desbocada! A gente num pode passar que ela fica soltando pilera, sabe? Fofocando da vida da gente. Se a gente chega tarde do trabalho, ela diz que a gente tava arrumando homem. Oxe! Isso é negócio que ela diga; ela num tá vendo! E ela também, mesmo assim ela num tem nada a ver, né? (M.L.S., p. 94, v. I)

(10) I: E vai chegar muito tarde. Aí ela pega e pede pra eu ficar lá, pra num ficar sozinha com os menino dela, né?

E: Hum, hum.

I: Aí, só dá mais tempo de vê a das sete, mas mesmo assim é correndo, né? E tem que botar a janta, tem que lavar os prato, pra poder pegar o ônibus. (M.L.S., p. 98, v.I)

À primeira leitura, em todas as ocorrências grifadas, os “mesmo **assim**” operam conectando informações, posição em que a função relacional de cunho concessivo é claramente ativada. Entretanto, a ação de “mesmo **assim**” como relacional concessivo confunde-se com sua ação como inclusivo, quando:

na ocorrência (09), a informante, indignada, afirma que sua vizinha não deveria inventar ‘histórias’ mentirosas a seu respeito, e mesmo/inclusive se fossem verdadeiras, não é assunto para uma vizinha se importar, pois é algo de foro pessoal: “mesmo assim ela num tem nada a ver”; em (10), quando a falante diz que apenas tem tempo para assistir à novela das sete horas, por ainda está no trabalho. Mesmo/embora assistindo a essa novela, ela o faz de forma rápida, não disponibilizando de tempo para observar os detalhes do enredo em si, uma vez que tem a obrigação de servir o jantar: “mas mesmo assim é correndo né? E tem que botar a janta, tem que lavar os prato”.

Cumpramos notar que, paralelo ao valor inclusivo, vistos nos trechos acima, prevalece, de forma implícita, o caráter concessivo do dêitico discursivo “mesmo **assim**” que acreditamos estar condicionado às influências dos contextos cognitivo e sociocomunicativo dos informantes.

A inversão de “mesmo **assim**” para “**assim** mesmo” reflete um recurso criativo na língua. No momento em que são empregadas, os interlocutores não demonstram dificuldades para capturar os sentidos que afloram dessa inversão no discurso, distinguindo, intuitivamente, quando o item linguístico em foco, mesmo invertido, significa inclusão e/ou concessão; funções também encontradas nos dêiticos discursivos “**assim** mesmo”:

(11) I: [...] Menino pertuba demais! Menino abusa demais! A gente só fica no maior sufoco em caso de doença, a gente se aperreia, tudinho, mas eu adoro meus filho assim mesmo, nem por isso eu vou desprezar ele porque eles mim aperrearam na infância. (S.M.P.S., p. 146, v.III)

(12) I: [...] então era melhor ter apanhado logo, de que passar a noite todinha no frio, no pé de caju. Riscado a cair, quebrar um braço, era pior. Mas assim mesmo a gente num escapou da [pi] da pisa do meu pai não. Terminemo0 apanhando. (J.S., p. 51, v.I)

Percebemos que os usos dos “**assim** mesmo”, nas situações acima, constituem ocorrências dêitico-discursivas, pois relativizam o processo de retomada à medida que as informações referidas não estão pontualizadas, mas diluídas do discurso antecedente. Acrescentamos a isso o fato de os “**assim** mesmo” ainda expressarem um caráter de inclusão e concessão tal qual comentado anteriormente com o “mesmo **assim**”, impulsionando a progressão do discurso, vejamos:

no caso (11), a informante assevera que apesar de se “aperriar” muito com seus filhos: “menino pertuba demais! Menino abusa demais!”, os ama incondicionalmente como faz toda boa mãe. A expressão “**assim** mesmo”, portanto, age como conector

reiterativo. Podemos notar que essa expressão pode, também, sugerir maneira/modo. Sabemos que esse significado está atrelado semanticamente ao item **assim**; no (12), o “**assim** mesmo” está a serviço do enunciado imprimindo também uma idéia de inclusão/concessão, ou seja, a falante afirma que passou a noite toda no pé de caju, mas “também” não escapou da surra do pai. É bom lembrar que a opção de usar uma ou outra expressão tem um caráter subjetivo implícito, denunciando influências sócio-culturais ou do contexto interativo. Sendo uma atitude seletiva, a opção tem um caráter icônico.

### **Marcador discursivo<sup>8</sup>**

Outra função do item linguístico **assim**, encontrada no *corpus* do VALPB, é a de um termo que não expressa o valor dêitico original, não atua como indicador de modo, conforme atesta classificação gramatical, tampouco funciona como dêitico discursivo. É o **assim** agindo como lubrificante do discurso, ou seja, como marcador discursivo/conversacional que tende a assumir restrições de caráter interativo, indiferente às restrições contextuais padronizadas.

No estudo em tela, a construção linguística **assim** revelou-se altamente recorrente no espaço textual com **47,3%**, ou 1.537 usos no nosso acervo, corroborando os postulados de Bybee (2003) que assevera que a frequência de um item é evidência empírica do seu grau de gramaticalização. Para melhor estudar essa macro-função, a especificamos como **preenchedor de pausa**.

### **Preenchedor de Pausa**

O preenchedor de pausa tem como característica marcar uma interrupção na linha de raciocínio para evitar uma conseqüente pausa no fluxo da fala. Não desempenha, portanto, função gramatical referente à organização interna do texto. Fávero, Andrade e Aquino (1999, p. 55), citando Antos, lembram que formular um texto significa “deixar marcas, traços no texto que possibilitem a sua compreensão.” Na formulação de um texto oral, diferentemente do que ocorre com o texto escrito, as marcas de seu processo de organização são perfeitamente visíveis através de hesitações, vejamos os trechos a seguir:

(13) I: Todo ano sempre tem uma notícia que me impressiona, entende? Agora esse ano deixa ver..., são tantas **assim**... me diga uma pra ver se... chega aqui a minha mente. (G.G., p. 58,v.IV)

(14) I: Eu acho o seguinte, eu acho que deve ter sido algum, algum, **assim** esforço demais **assim**, alguma coisa **assim**, eu num vi direito, mas eu tô sabendo. Eu acho que foi esforço físico demais. (V.L.B., p. 29,v.IV)

Os exemplos demonstram como é ‘complexo’ falar sobre o que não se sabe. Logo, os usos dos itens **assim** pelos falantes funcionam como estratégia para solucionar esses problemas ocorridos no processamento de suas falas. Destituídos, quase completamente, de seus valores sintáticos e semânticos, os itens negritados quase não têm função, pois estruturalmente suas presenças são dispensáveis no processamento do assunto.

---

<sup>8</sup> Assumimos neste trabalho, a exemplo de muitos autores como Traugott (1995) e Hopper (1987), a idéia de que a teoria da gramaticalização dá conta dos usos dos marcadores discursivos, acreditando que construções que apresentam sintomas de discursivização estão, na verdade, em fase inicial de gramaticalização. Por outro lado, trabalhos como os de Castilho (1997) e Martelotta, Votre e Cezário (1996) defendem a existência do processo de discursivização.

Na perspectiva da formulação textual, com efeito, o **assim** revela o planejamento linguístico. Prova disso é o fato de em (13), o falante parecer não ter em mente ainda a construção que deseja usar e, então, dar a entender que está pedindo para o interlocutor lhe socorrer com alguma notícia, pois nada vem a sua mente...

Do ponto de vista cognitivo, ocorrências dessa natureza evidenciam a dificuldade inicial para se organizar as informações a serem colocadas no momento da atividade de formulação textual, isto é, no momento em que o informante planeja sua fala, constrói seu discurso *on line*.

No que diz respeito ao papel interacional, o princípio que parece reger as hesitações que coocorrem com o marcador **assim**, é o envolvimento interpessoal: a grande preocupação do falante é manter o fluxo da malha tópica, solicitando a atenção do interlocutor, para que esse não venha a “tomar” o seu turno.

Como **preenchedor de pausa**, a expressão “tipo **assim**” é insuficiente para constituir enunciado completo por si próprio, funcionando, nos momentos em que o texto se organiza, como indicadora da esfera do planejamento cognitivo, vejamos:

(15) I: Bom, o “Sonho de uma Noite de Verão” é muito interessante, porque tem um punk, que é o que {inint.} faz o personagem assim como um duende, ele mistura <a> tipo assim, tipo uma mágica, entendeu? Bota em pessoas erradas que se apaixonam errado, entendeu? (V.L.B., p. 13 v.IV)

(16) I: [...] se eu falo diferente eu algumas coisa0 que eu falo diferente, mas eu não sei o que é alguma, algum algumas rimas que eu falo diferente algum algum tipo assim de palavra que eu sempre falo diariamente. (P.A.M., p. 107,v.V)

Um dado importante a salientar é que fica patente o deslizamento (ou até um certo esvaziamento<sup>9</sup>) semântico que o item sofre, uma vez que não é possível atribuir-lhe um significado claro. O uso tão frequente corrobora o fato de não haver, nas situações analisadas, mais restrições gramaticais e que o “tipo **assim**” se tornou um preenchedor de vazios causados por pausas para calcular as informações subsequentes discursivo. Quanto ao papel cognitivo, esse uso revela a própria atividade cognitiva do falante, com relação à compreensão e intenção dos enunciados.

### 3. Comentários conclusivos

As inúmeras manifestações do item **assim**, colhidas no *corpus*, atestam o emprego recorrente dessa construção linguística em várias situações no discurso, assumindo, como vimos, sentidos e funções diferenciadas. Esses múltiplos usos não podem ser considerados arbitrários/aleatórios<sup>10</sup> ou manifestados inconscientemente pelos falantes, eles sinalizam que o **assim** vem perdendo sua vinculação icônica original e agregando outros valores; como argumenta Givón (1995, p. 9): “a estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicativa”. Em outras palavras, o falante faz opções que correspondem ao seu interesse no momento da comunicação, levando em conta que efeito ele pretende atingir com essa escolha. Acreditamos, enfim, que as estruturas linguísticas estão correlacionadas às circunstâncias discursivas nas quais são geradas, entrelaçando aspectos cognitivos, culturais na produção e veiculação de informações.

---

<sup>9</sup> A hipótese de esvaziamento semântico ocorre no uso do **assim** como “sinalizador de precisão vocabular ou como marcador de hesitação conversacional que poderia ser verificada em pistas de contextualização paralinguísticas como entonação, evidencia a fluidez, a generalização de sentido” (COSTA, 1997, p. 115).

<sup>10</sup> Os diversos usos do item **assim** já estão tão internalizados que o falante os utiliza sem tropeços e de forma automática que até parece que são destituídos de propósitos.

#### 4. Referências bibliográficas

- BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; BRYAN, J. (orgs.). **Handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.
- BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure. In: BYBEE, J.; HOPPER, J. (eds.) **Frequency and the emergency of linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Para o estudo das unidades discursivas no português falado**. In: CASTILHO, A. (Org.). 1989.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Expressões indiciais em contextos de uso**: por uma caracterização dos dêiticos discursivos. Recife: UFPE, 2000. (Tese de doutorado)
- COSTA, Sérgio Roberto. Assim se interpreta assim. **Veredas** – revista de estudos linguísticos, v. 1, n. 1, jul/dez. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria L. da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda G. Oliveira de. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FILLMORE, Charles. **Lectures on deixis**. Berkeley: University of California, 1971.
- GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins/Academic Press, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Syntax** - a functional-typological introduction. V. II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- \_\_\_\_\_. Serial verbs and mental reality of “event”: grammatical vs. Cognitive packaging. IN: Elizabeth TRAUOGOTT; B. HEINE (eds.) **Approaches to grammaticalization**, v. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HUNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, Paul J. **Emergent grammar**. BLS 13:, p. 139-157, 1987.
- \_\_\_\_\_. On some principles of grammaticization. In: TRAUOGOTT e HEINE (eds.) **Approaches to grammaticalization**. v. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.
- HOPPER, Paul J.; TRAUOGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HORA, Dermeval da; PEDROSA, J. Lopes R. **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba** – VALPB, 5 v. João Pessoa: Idéia, 2001.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- LEVINSON, Stephen. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.
- \_\_\_\_\_. Manifestações do poder em formas assimétricas de interação. **Investigação**, v. 1, Recife, p. 51-70, 1986.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; KOCH, Ingedore G. Villaça. Referenciação. In: JUBRAN, Clécia C. Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore G. Villaça. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: UNICAMP, p. 381-399, 2006.

- MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião José; CEZARIO, Maria Maura. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; NASCIMENTO, Enrico; COSTA, Sílvia. A. Gramaticalização e discursivização de **assim**. IN: MARTELOTTA, VOTRE & CESÁRIO. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, p.261-76, 1996.
- MARTINS, Iara F. Melo. **Mapeamento das multifunções do assim: dos dêiticos discursivos aos marcadores do discurso em contextos orais paraibanos**. João Pessoa: UFPB, 2008. (tese de doutorado)
- MONDADA, Lorenza e DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos do discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. **TRANEL** (Travaux neuchâtelois de linguistique), n.23. p.273-302, 1995.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Gisele M. de Oliveira; URBANO, S. Hudinilson. Marcadores discursivos: traços definidores. In: Ingedore G. V. KOCH (Org.). **Gramática do português falado**. Vol. VI. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1996.
- TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de e, daí, aí, então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista** (tese de doutorado). Florianópolis: UFSC, 2003.
- URBANO, Hudinilson. Revisitando os marcadores discursivos: os fáticos retroalimentadores. In: KOCH, Ingedore V.; BARROS, Kazue, S.M. (Orgs.). **Tópicos em linguística de texto e análise da conversação**. Natal: EDUFRN, p.53-8, 1997.
- VOTRE, Sebastião Josué; ROCHA, A. R. A base corporal da metáfora. In: MARTELOTTA, M. Eduardo; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria M. (Orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.